

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

P. O. Box 3243, Addis Ababa, ETHIOPIA Tel.: 00251-11-5517700 Cable: AU, ADDIS ABABA
Website: www.africa-union.org

CONSELHO EXECUTIVO
Décima Sessão Ordinária
25 – 26 de Janeiro de 2007
Adis Abeba, Etiópia

EX.CL/317 (X) Rev. 1
Original: Inglês

RESUMO DO RELATÓRIO SOBRE O 1º CONGRESSO
CULTURAL PAN-AFRICANO (PACC)



RESUMO DO RELATÓRIO SOBRE O 1º CONGRESSO CULTURAL PAN-AFRICANO (PACC)

1. A Primeira Sessão da Conferência dos Ministros da Cultura da União Africana, realizada em Dezembro de 2006, em Nairobi, Quênia, adoptou a proposta da Comissão de organizar o primeiro Congresso Cultural Pan-Africano (PACC) em 2006. O mesmo foi aprovado pela Cimeira da União Africana em Cartum em Janeiro de 2006. Do mesmo modo, o PACC realizado de 13 a 15 de Novembro de 2006 no Centro de Conferência da União Africana em Adis Abeba, Etiópia.

2. O tema geral do Congresso foi “Cultura, Integração e Renascença Africana” que foi ainda dividido em (8) temas incluindo (1) Memória e Património, (2) Cultura, Língua e Educação; (3) Cultura, Juventude e Especificidades Homem/Mulher; (4) Direitos Culturais, Liberdades e Direitos da Propriedade Intelectual; (5) Desenvolvimento Cultural; (6) Cultura, Desenvolvimento e Transformação Social; (7) Políticas Culturais em África; (8) Cultura Africana, os Medias e Novas Tecnologias de Informação. A ordem de apresentação dos temas foi remexida no decorrer das sessões em curso do Congresso e rearrumada no relatório (ver anexo 1).

3. Cerca de 300 profissionais culturais, peritos, decisores políticos e representantes das instituições culturais de África e do resto do Mundo participaram no Congresso. Os Estados Membros da União Africana que foram representados no Congresso incluem Angola, Benin, Botswana, Burkina Faso, Burundi, Camarões, Cabo Verde, República Centro-Africana, Congo, Cote d'Ivoire, República Democrática do Congo (RDC), Djibuti, Egipto, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Guiné, Quênia, Lesoto, Libéria, Líbia, Madagáscar, Malawi, Mali, Ilhas Maurícias, Moçambique, Namíbia, Niger, Nigéria, Ruanda, Senegal, Sierra Leone, Somália, África do Sul, Sudão, Swazilândia, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia, Zimbabue. Também, estiveram presentes as Comunidades Regionais Económicas (CERs), as Embaixadas não-Africanas acreditadas junto da União Africana, organizações internacionais e Agências das Nações Unidas, incluindo a UNESCO.

4. A cerimónia de abertura do Congresso foi homenageada pela presença do Dr Mathar Mbow, antigo Director Geral da UNESCO e a Sua Excelência Prof. Alpha Oumar Konaré, Presidente da Comissão da União Africana bem como de outras personalidades, incluindo o Ministro do Estado para a Cultura da Etiópia e

o Vice-Ministro da Cultura do Quênia. Depois de poucas palavras de boas vindas proferidas pelo Adv Bience Gawanas, o Comissário para os Assuntos Sociais da União Africana, que presidiu também essa Sessão, o Congresso iniciou a sua primeira deliberação com o primeiro tema na Primeira Sessão Plenária pela alocução proferida pelo Prof. Konaré e pelo discurso luminar de Dr Mbow.

5. Além dos discursos substanciais sobre os temas acima mencionados, o Congresso foi recheado pelos eventos culturais paralelos e ricos tais como as exposições de artesanato. Pintura, e várias obras de arte da Etiópia e de outros Estados Membros. Além disso, os grupos culturais do Burundi, Etiópia, Quênia Rwanda e Tanzânia estrearam várias danças culturais e entoaram canções tradicionais Africanas bem como modernas.

6. No fim de três dias de deliberações, o Congresso publicou uma Declaração de Consenso, que, entre outras,

- o Apelou todas as partes tanto estatais como nao-estatais a apreciarem as opiniões cândidas expressas no Fórum sobre a renascença da identidade e personalidade Africana, filosofia e sabedoria, criatividade e inovações com vista a acompanhar o progresso sócio-económico da África no novo milénio, e
- o Observou que a continuação do PACC é importante para a concretização dos seus objectivos [e] recomendou a convocação de tal congresso trienalmente e para a revitalização do espírito dos festivais anuais para celebrar a cultura tradicional Africana e marcar cada 5^o/10^o aniversario com festivais regionais semelhantes ao FESTAC.

7. Se essas e outras recomendações do Congresso forem adoptadas pelos órgãos importantes de decisão política da União Africana, é possível institucionalizar o PACC como um importante fórum para a promoção do diálogo e de entendimento comum sobre a Cultura africana e o papel que deve desempenhar na construção da nova África enraizada nos seus valores maduros e na sua identidade. A nossa cultura tem proporcionado e continua a proporcionar o material e a base espiritual no sentido de transformar globalmente o nosso Continente.



EX.CL/317 (X) Rev. 1
Anexo 1

**1º CONGRESSO CULTURAL PAN-AFRICANO
DA UNIÃO AFRICANA**

**13 – 15 DE NOVEMBRO DE 2006
CENTRO DAS CONFERÊNCIAS,
ADIS ABEBA, ETIOPIA**

RELATÓRIO

Departamento para os assuntos sociais
Dezembro de 2006-12-29

INTRODUÇÃO

Ao longo de poucos anos, a União Africana tem vindo a envidar arduamente esforços para organizar maiores encontros continentais tais como a primeira e a Segunda Conferência dos Intelectuais Africanos e da Diáspora (CIAD I e II) realizadas em Outubro de 2004 no Senegal e em Julho de 2006 no Brasil, respectivamente; A Primeira Sessão da Conferência dos Ministros da Cultura da União Africana realizada em Nairobi, Quênia, em dezembro de 2006 e agora, o Primeiro Congresso Cultural Pan-Africano (PACC) realizado de 13 a 15 de Novembro de 2006 em Adis Abeba, Etiópia com vista a fomentar o intercâmbio de opiniões, ideias e experiências; desta forma, alcançar uma compreensão comum favorável à revitalização dos valores da Cultura Africana e criar condições para que a cultura sirva as causas profundas da renascença Africana.

O Congresso foi precedido por maiores eventos culturais, nomeadamente a Conferência Preparatória – Adis Abeba 2004, uma reunião de peritos independentes – Nairobi 2005 é a Primeira Conferência dos Ministros da Cultura da União Africana, realizada em Dezembro de 2005, em Nairobi, Quênia, e a 6ª Cimeira da UA de Janeiro de 2006 em Cartum, Sudão, cujo tema central foi “Cultura e Educação”. A Cimeira aprovou a decisão da Conferência Ministerial sobre a Cultura de convocar o PACC no decorrer do de 2006.

De seguida, a Comissão da UA convocou o Primeiro Congresso Cultural Pan-Africano de 13 a 15 de Novembro de 2006, no Centro das Conferência da União Africana, em Adis Abeba, Etiópia.

O Congresso foi presenciado por cerca de 300 participantes de 45 países Africanos e da Diáspora, nomeadamente os decisores políticos dos Estados Membros da União Africana, os profissionais culturais, os administradores culturais, os educadores/académicos, inventores, criadores, produtores, comentadores, empresários, pesquisadores, organizações não-governamentais e inter-governamentais, associações e redes, organizações regionais e internacionais e parceiros ao desenvolvimento da UA.

Os participantes debateram uma gama de questões à volta do tema geral “Cultura, Integração e Renascença Africana”

Esse relatório realça os pontos principais dos debates tidos durante o Congresso e organizados de forma seguinte:

- I. Actas do Congresso
- II. Relatório narrativo.
- III. Recomendações
- IV. Projecto da Declaração de Consenso do Congresso.

Anexos: * Programa dos Trabalhos * Memorando * Lista dos Participantes.

I. ORGANIZAÇÃO DO CONGRESSO.

O Congresso foi dividido em sessões seguintes:

- (1) Cerimónia de abertura
- (2) Sessões plenárias
- (3) Grupo de discussões temáticas

(1) Cerimónia de abertura.

A Adv. Bience Gawanas, Comissária para os Assuntos Sociais, que também dirigiu palavras de boas vindas antes de convidar os oradores de proferir as suas declarações, presidiu a cerimónia de abertura. Essa sessão foi caracterizada pelos discursos do Presidente da Comissão, Sua Excelência Alpha Oumar Konaré que, oficialmente procedeu a abertura do Congresso, na presença do Dr Amadou Mathar, antigo Director da UNESCO e o orador luminar, o Vice-ministro da Cultura do Quénia, o Ministro de Estado da Cultura da Etiópia e o Representante do Director Geral da UNESCO.

Na sua alocução, o Prof. Konaré apelou à reunião para reconhecer a contribuição de Joseph Ki-Zerbo¹ para a promoção da cultura Africana. Foi convidado mas o seu estado de saúde debilitado não lhe permitiu presenciar o Congresso. Na sua declaração, o Prof. Konaré notou que, hoje em dia, muitos Africanos são mais pobres do que na era das independências e que havia uma necessidade de resolver os problemas da pobreza Africana, adoptando uma outra forma de desenvolvimento baseada na cultura. Essa cultura, frisou, deve ser utilizada como uma fonte de inspiração e um recurso também. Por fim, salientou que a preservação da cultura africana não será conquistada sem preservar e promover as línguas Africanas. Nesse contexto, adiantou que moveu uma campanha para que o Swahili fosse aceite como uma língua oficial nos fóruns internacionais.

A alocução do Presidente foi precedida por intervenções do Vice-Ministro da Cultura do Quénia, em representação do Ministro na qualidade do presidente do Gabinete da Conferência dos Ministros da Cultura da UA, o Ministro de Estado da Cultura da Etiópia e o Representante da UNESCO que sublinhou a importância do PACC e os seus resultados.

O orador programático, o Dr Mathar Mbow, realçou as realidades da cultura Africana de forma seguinte:

¹ A Comissão recebeu a triste notícias da demissão do Prof. Ki-Zerbo, depois do Congresso

- As culturas ocidentais devem definir, doravante, os mecanismos favoráveis a melhor abertura ao Mundo.
- A Conferência de México, organizada pela UNESCO, em 1982, definiu a cultura como um conjunto de feições distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afectivos que caracterizam as sociedades ou um grupo social. Ela envolve as artes e as letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças
- Assim definida, a Cultura apresenta-se como o centro do ser e da evolução da África.
- É uma felicidade por ter sido a base do desmoronamento do Apartheid.
- Um dos maiores imperativos da África de hoje é o reforço da criatividade intelectual e artística.
- É preciso também dar um conteúdo à integração.
- Os pensamentos do Ki-Zerbo contribuem positivamente no desenvolvimento da África.
- Hoje, há uma necessidade urgente, além daquilo que já foi sublinhado, de suscitar o espírito de inovação e a paixão com a pesquisa e a solidariedade.
- A cultura é a finalidade do desenvolvimento.
- A harmonia e o bem-estar de cada povo deve ter em conta a cultura, visto que esses factores são também uma finalidade do desenvolvimento:
 1. É a razão pela qual a contribuição das mulheres e dos jovens para o desenvolvimento cultural não deve ser protelada.
 2. Há de condenar veementemente a dita missão da colonização que foi um fracasso incomensurável para o Continente Africano.

(2) Sessões Plenárias

Cada plenária tinha um moderador, um relator e apresentador(es). No quadro do tema global, os documentos foram apresentados nas sessões plenárias ou nos grupos sobre os tópicos seguintes:

- Memória e Património,
- Cultura, Línguas e Educação;
- Direitos Culturais, Liberdades e Direitos da Propriedade Intelectual;
- Cultura, desenvolvimento e Transformação Social;
- Cultura Africana, os Medias e Novas Tecnologias;
- Cultura, Juventude e especificidades homem/mulher;
- Desenvolvimento cultural;
- Políticas da Cultura em África

O principal objectivo do Congresso era explorar o relacionamento entre a cultura, a integração e a renascença Africana. Por um lado, isso implica a exploração das formas de fazer uso da cultura no sentido de promover a integração e de criar condições favoráveis à renascença Africana; por outro lado, aproveitar a renascença Africana e o processo da integração para reforçar a cultura.

(3) Grupo de discussões temáticas

Essas discussões basearam-se nos documentos apresentados e deram oportunidades aos participantes de explorarem exaustivamente as apresentações e de chegarem às recomendações concretas. Cada grupo tinha um moderador, oradores e um relator que apresentava os relatórios nas sessões plenárias.

II. RELATÓRIO NARATIVO

Os relatórios dos relatores trazem alguns pormenores sobre as peripécias das sessões temáticas. O objectivo desse relatório geral é de não repetir as questões tratadas lá, mas, em vez de apreciar todo panorama e avaliar se há quaisquer padrões que tenham surgidos durante as discussões que podiam ajudar na apreciação panorâmica daquilo que o Congresso alcançou.

O relatório organizara as matérias contidas nos documentos apresentados no congresso depois em quatro capítulos: **(1) Definição (2) Descrição (3) Desenvolvimento e (4) Legação**

1. Definição da cultura africana.

Existe uma convenção bem estabelecida para separar a cultura em tangível e intangível. Predominantemente, por tangível entende-se indústrias culturais que se dedicam a produção e a distribuição em grande escala dos produtos que veiculam ideias, mensagens, símbolos, opiniões, informações, valores estéticos e orais. Pois, alguma coisa produzida por essas indústrias “veicula e dissemina as ideias, opiniões e valores inerentes ao seu próprio meio ambiente”

O documento básico estipula explicitamente que “movemos do conceito tradicional restrito da cultura limitada para a prática de artes finas e literatura, para uma visão mais larga de integração da visão, valores, tradições e costumes dos povos, gerados para a promoção de interação e o diálogo mutual”.

Tendo em conta os seus interesses e as suas áreas de perícia, os participantes sugeriram que fossem alargados mais os contornos da definição da cultura. Com base na discussão tida no Congresso, o conceito da cultura foi separado em quatro elementos:

- Começamos com as formas como os seres humanos na sociedade envolvem-se com a natureza para satisfazer as suas necessidades. Pois, o que significa que o conhecimento que esses seres utilizam para se relacionarem com a natureza, isto é, com a própria sociedade. Chama-se **a cultura como conhecimento**. Mas, isso não se restringe apenas ao conhecimento que resulta do estudo da natureza, mas também ao conhecimento que resulta do estudo da sociedade.
- A seguir, e aquilo que os seres, numa determinada altura, numa sociedade produzem como resultado do seu envolvimento com a natureza e a sociedade e as razões pelas quais agem dessa maneira. Isso corresponde aquilo e normalmente considerado como a produção cultural, chama-se **cultura como produção material e artística**.
- As formas como os seres interpretam e decifram as regularidades da natureza e da sociedade e o sentido que elas dão a essas regularidades. Na medida em que eles conseguem influenciar outras pessoas a anuírem nesses significados, os sinais que elas produzem, produzem uma forma particular de expressão cultural ou fenotipo cultural que designamos “**cultura como crença, aceção e ritual**”
- Finalmente, como e porque as pessoas singulares regulam o comportamento particular e público dos membros da sua sociedade, em principalmente, na sua propriedade, posto de trabalho e na vida pública. Denomina-se a **cultura como valores, regras e conduta social**.

a) Cultura como conhecimento.

Nas suas intervenções, certos oradores referiram que aos sistemas de conhecimento Africano, consideraram-nos como parte da herança de África. Por exemplo, o caso da planta Hoodia que o Povo San do Botswana utiliza como sedativo para apetite, conhecimento desenvolvido no contexto da sua experiência ambiental específica. Mas, não significa aparentemente nada na filosofia da ciência que justificaria a distinção entre os sistemas de conhecimento e a ciência. O carácter essencial da ciência e o processo de experimentação ou aquilo que designaríamos uma abordagem acção social baseada na prova. Como foi demonstrado no debate, isso não é uma exclusividade da Europa, e como um dos oradores demonstrou também, a África foi o berço e a fonte de vários ramos de ciências incluindo a experimentação como um meio de desenvolver a certeza.. Tais práticas que não se aplicam apenas ao estudo da natureza, mas também no estudo da sociedade, na criação e na recriação da memória, fazem parte da herança cultural da África. E deve desempenhar um papel giratório no seu futuro.

b) *Cultura como material e produção artística.*

O debate abrangeu uma gama diversificada de produtos culturais em África. Com base nas suas tecnologias e ciências tradicionais, as sociedades Africanas produzem e continuam a produzir bens e serviços que as populações necessitam e gostam, incluindo comidas e bebidas, abrigos, postos de trabalho, vestuário, transporte, saúde, comunicação, segurança, artes e lugares de culto. Hoje em dia, as criações de cultura como produção material são considerados, a priori, como ícones culturais das eras das histórias particulares. E o caso por exemplo do Grande Zimbabwe, as pirâmides do Egipto, Obelisco de Axum e certas heranças em outros países Africanos. Mas, a cultura como produção artística é também importante, dando a sua identidade à sociedade. Pois a arte, a música, a língua e a literatura, o drama e o filme, estruturam a expressão externa da cultura e constitui a alma da identidade cultural.

c) *Cultura como crença, aceção e ritual*

Toda a sociedade tem explicações divergentes e algumas vezes conflituosas sobre o mesmo fenómeno natural e social. Explicação científica, a religião e a filosofia cruzam-se e lutam-se pela hegemonia na mesma sociedade frequentemente com a mesma aceção. Nos momentos históricos particulares, as fronteiras entre essas abordagens movem quando uma abordagem assegura a ascendência, embora efémera sobre outras. As cerimónias, os rituais, contos, literatura, teatro, filme, música e a dança de uma sociedade sempre dão expressão a explicação dominante das regularidades da natureza e sociedade. Na base desses métodos, e, as vezes possível “perceber” a cultura como aceção e crença.

d) *Cultura como valores, regras de conduta e comportamento social.*

O Congresso reafirma a opinião de que todos os povos tem uma cultura, trata-se da estrutura e do conteúdo das suas culturas. Os valores de uma sociedade estabelecem o que é bom ou belo, são a base sobre o qual as suas regras são estabelecidas, determinam todos os princípios de atipicidade e tipicidade dos direitos. O que se deve regular, inclui o Direito da família, o Direito económico, o direito do trabalho e o Direito administrativo. Quando existe regras sobre os papéis que as pessoas são chamadas a desempenhar, a atribuição dos papéis pode, na prática, ser flexível. Conforme as observações de um orador, quanto as especificidades homem/mulher, o papel que a sociedade pode atribuir à pessoa para desempenhar, não é necessariamente determinado pelo seu sexo, só o homem pode ser chamado a desempenhar um papel normalmente atribuído a mulheres e vice-versa. Da mesma forma, o conceito da juventude é flexível e pode ser aplicado às pessoas independentemente da sua idade actual. Pois, concordaram em que frequente e universalmente em África, os papéis atribuídos às “mulheres” são discriminados, e não são tão valorizados como os atribuídos aos “homens”.

e) *Como esses vários domínios interconectam-se?*

O consenso é aparentemente que África pode desenvolver a sua cultura de conhecimento sem perder a sua cultura de aceção e crenças, ou a sua cultura de regras e valores. Os participantes opinaram unanimemente que os aspectos da cultura Africana são perniciosos para o bem-estar dos sectores significativos da sociedade, talvez, com a excepção das mulheres, são mais proeminentes. Por isso, pelos menos, há pressupostos, por parte dos participantes, que podem identificar quais são os aspectos da cultura Africana considerados como regras e valores a emendar e além disso, os critérios aos quais devem obedecer essas emendas. Os participantes concordam em que, por exemplo, uma mudança na forma como as mulheres são vistas nas sociedades Africanas, é favorável a uma maior igualdade, e teria, geralmente, efeitos positivos sobre a cultura Africana .

Os participantes concordaram em que há uma conexão, apesar de ser flexível, entre vários aspectos da cultura, mas não há certeza absoluta, quanto ao grau de elasticidade existente entre um sector e outro. Um participante providenciou um exemplo para especificar uma tentativa de alteração do comportamento económico do povo Africano no meio rural, que foi dificultada pela falha dos promotores da mudança de perceberem as razões pelas quais aquilo que eles advogavam, fossem veiculado nos “valores e regras” dos Povos. Mas, demonstrou também que as pessoas provaram perfeitamente ser capazes de mudar o comportamento social estabelecido se as circunstâncias fossem adequadas e reunidas.

Uma vez que a natureza é única e universal, um participante procurou saber se o desenvolvimento cultural significa que todas as sociedades, de qualquer

maneira, são detentores de características similares. No caso afirmativo, pressupõe-se que os efeitos da cultura como conhecimento sustentam outros aspectos da cultura, mas, tendo em conta a diversidade das sociedades com o mesmo conhecimento, há uma grande flexibilidade nas suas influências que actuam de ambas maneiras.

2) Descrição da cultura Africana.

A diversidade geográfica, religiosa e linguística dos participantes, só para apontar três, provam claramente a diversidade da cultura Africana. Todavia, houve alguma preocupação de saber se essa diversidade foi tão evidenciada que não foi nada possível de debater exaustivamente sobre a cultura Africana. Os historiadores foram capazes de salientar as formas como a cultura africana sofreu alterações ao longo do tempo. A opinião da maioria salienta que, apesar da diversidade, houve e há uma cultura Africana.

Mas, todos concordaram em que com vista a intervir ou envolver as sociedades Africanas, é imprescindível saber devidamente os detalhes operacionais da natureza da cultura a ser considerada. Por isso, é a tarefa primordial que as autoridades políticos da cultura Africana, os profissionais devem assegurar que eles cumprir efectivamente essa condição.

A própria descrição da cultura africana proporciona a todos os africanos o auto/conhecimento profundo e o recurso para descobrir e desenvolver favoravelmente essa cultura segundo a sua vontade.

Será a unicidade da cultura africana ligada a uma base de conhecimento comum ou partilhada, uma vez que a sua diversidade é mais ligada às diferenças na produção material e artística, crenças e de aceção, valores, regras e comportamento ou causa dos factores geográficos, políticos ou sociais?

3) Questões do desenvolvimento cultural

Os participantes concordaram emocionalmente em que a cultura Africana deve desempenhar um papel catalisador na vida dos Africanos modernos, por isso, há necessidade de intensificar o uso, o consumo e a produção da cultura Africana.

Gastou-se tanta saliva acerca da importância do desenvolvimento cultural que se tornou uma necessidade para a África de mover uma acção de sensibilização para desenvolver a sua cultura, mas reparou-se também que a cultura não pode ser desenvolvida no vazio, a única forma de desenvolver é o uso ou o consumo, que, por sua vez, implica que há de ser produzida. Os participantes quiseram basicamente saber as formas como os Africanos podem desenvolver a sua cultura e as direcções para onde serão direccionado esse desenvolvimento.

Quanto à primeira questão, os participantes responderam que a alteração cultural deve ser realizada internamente, e não imposta de fora. Evidentemente, a alteração interna podia acontecer em resposta às circunstâncias externas. Um participante opinou que, de facto, a colonização e a globalização tem impacto sobre as várias identidades religiosas, étnicas, linguísticas e de especificidades homem/mulher em África. O desafio que a África enfrenta frequentemente é redefinir o relacionamento dessas todas identidades com o Mundo globalizado, onde estão localizadas e devem operar. Muitos participantes opinaram que a cultura Africana foi vítimas de mudança exógenas, às vezes, impostas e que as futuras acções para o desenvolvimento devem envolver o processo de realinhamento pelo qual os africanos são, de qualquer maneira, capazes de regressar às suas raízes e fontes culturais. Conforme um participante frisou a cultura Africana deve ser vivida diariamente pelo Povo Africano e não tratada como um blusão que se pode vestir em cerimónias especiais e depois rearrumar no seu roupeiro. No contexto global, um orador observou que a cultura torna-se perigosa quando vira-se intolerante. Parece que a África foi vítima de intolerância cultural por parte de outras zonas do Mundo. Mas, talvez esse facto pode ser visto também como uma chamada de atenção para as possíveis tendências para as intolerâncias no próprio Continente africano, também. Quanto à direcção para onde, a cultura africana dever ser desenvolvida, os participantes partilham a opinião de que deve ser desenvolvida de maneira que ela dignifica o povo Africano.

Cultura como conhecimento

Os participantes concordaram em que há uma representação errada e mais consistente da ciência como sendo exclusivamente um empreendimento Europeu, apesar do estudo sistemático da natureza baseado na experimentação tenha génese em África. Essa génese e o desenvolvimento da ciência é como o método, o instituto do conhecimento e a teoria associada demonstram que a África é o berço e a fonte do conhecimento humano a partir das quais outras culturas se inspiraram. Uma intervenção para a defesa dessa tese demonstrou que estudos sobre a geografia, cartografia, anatomia do corpo humano, a circulação pulmonar do sangue, instrumentos esféricos, projecção de mapas, astronomia, construção, medicina, saúde, relógios de água e outros instrumentos de medição de tempo, comércio, barcos, navegação, construção de barcos, engenhos militares, anatomia do olho e a lógica do Mundo de três dimensões, foram realizados em primeiro lugar em África. Todavia, como parte de um processo deliberado de negação, essas conquistas, o papel de África como a génese da cultura Europeia e do Mundo foram protelados, ignorados ou desviados para outros lugares fora de África pelos Europeus durante a suas missões de descobrimento global iniciada há cinco séculos atrás.

Actualmente, em África, existe dois sistemas de conhecimento paralelos. Os métodos, o conhecimento e a teoria associada dum sistema são ensinados em escolas e universidades mas como um fenómeno alheio e importado. Os

produtos desse domínio soam numa maneira geral, aceites pela elite dos dirigentes de África. Além disso, os métodos, o conhecimento e as teorias associadas do outro que foram desenvolvidas em África, tem uma existência camuflada e passam exclusivamente ao lado das fronteiras das escolas e universidades. Os produtos do segundo são usados e consumidos predominantemente por pobres e iletrados e pela elite, às vezes, em segredo.

Concordaram em que a África precisa de desenvolver um quadro no sentido de unificar esses dois sistemas e também maximizar essa ciência unificada. Ainda concordaram em que é imprescindível promover uma compreensão geral alargada da ciência, baseando-se nas forças vivas e históricas de África e mudando as formas como a ciência é ensinada nas escolas primárias e secundárias.

Concordaram em que a principal estratégia para desenvolver a cultura Africana como ciência e, mais uma vez, é apostar na produção maciça dos bens e serviços materiais e artísticos. Desta forma, deve-se acautelar no sentido de assegurar que os direitos de propriedade intelectual dos africanos não sejam protelados em benefício dos outros fora de África. Quanto a isso, um participante observou que é crucial que esses direitos sejam extensíveis aos produtos materiais e não-materiais é que os líderes Africanos sejam aconselhados por agências especializadas reconhecidas, não para negociar os direitos de produzir, gozar e usufruir os seus direitos culturais. Um exemplo desse processo de vincar a tecnologia e ciência Africana na produção maciça é o caso da planta Hooda do Povo San. O aspecto duvidoso desta história é que a tarefa de desenvolver o conhecimento de ser capaz de produção maciça e executada não por uma firma Africana mas Phytoson, trata-se de uma firma Britânica. Desta forma, há um risco iminente que faz com que os benefícios resultantes desse processo revertam ao Povo fora de África, mesmo que o conhecimento principal faz parte da propriedade intelectual de África. Mas, como esse exemplo demonstrou também, o processo de estabelecer os titulares dos direitos de propriedade intelectual, não é explícita e pode ter vários ratoeiros potenciais para as pessoas ingénuas. De mesmo modo, o desafio de definir os titulares dos direitos da propriedade intelectual como tecnologia e ciência Africanas e aplicada na produção maciça dos produtos Africanos e potencialmente cheio de riscos.

Todavia, ao fazer apenas o que é necessário que a cultura Africana como o conhecimento será capaz de alcançar a produção maciça e que o fosso entre os dois sectores será tapado e que África poderá, mais uma vez, contar com uma base científica unificada e integrada.

Cultura como produção material e artística

Os riscos de perder as vantagens do desenvolvimento cultural baseado no conhecimento aplicam-se igualmente a cultura como produção material e

artística. Com base no desenvolvimento da ciência e da tecnologia em África, certos oradores demonstraram que na altura do contacto com a Europa, África produzia uma gama de produtos semelhantes e mesmo de qualidade superior aos da Europa. Isso foi apoiado por provas resultando dos relatórios sobre Reinos e cidades Africanas na altura do contacto europeu através dos primeiros exploradores Europeus. Quanto a isso, trata-se de Daomey, Angola e Mali para citar apenas esses três. Contudo, havia importantes áreas tais como competências militares cujo conhecimento e a produção Africana não eram tão desenvolvidos como os da Europa. O que significa que a gama e a qualidade dos produtos culturais Africanos eram, em vários aspectos mais impressionantes, para não exagerar aos da Europa na altura dos primeiros contactos. Contudo, um participante esclareceu que o Continente que existia cinco séculos atrás, era um dos melhores do Mundo, mas hoje em dia, é mais pobre do Mundo enquanto o grosso da sua produção e o consumo depende das actividades das culturas alheias ao Continente.

Hoje em dia, a maioria dos produtos que se consomem em África recorrem às tecnologias resultando de outros meios e foram concebidos para outras regiões. Por isso, existe uma grande distorção entre as sociedades africanas e os seus meios ambientais. Esse estado de coisas foi materializado durante as fases da colonização Europeia. Simultaneamente, alguns produtos culturais mais valiosos foram pilhados e levados para a Europa onde, com a excepção de um ou outro caso, ficaram guardados. Todavia, alguns participantes ripostaram que tendo em conta o estado precário da maioria dos museus africanos, o desejo de recuperar esses monumentos culturais deve ser ponderado uma vez que a sua permanência na Europa assegura a sua restituição intacta à África.

Os participantes partilharam a opinião de que essa ligação entre o que é designado por desenvolvimento económico e o desenvolvimento cultural não deve ser descartado, quanto mais alto for o nível de um mais alto é o nível do outro. Um participante frisou que, em parte, a pobreza em África deve ser atribuída à falha das políticas da industrialização de não integrar a componente cultural. Todavia, se África desenvolver a capacidade para o consumo e a produção maciça dos produtos culturais africanos cultura será desenvolvida como produtos materiais e artísticos. Nesse aspecto, não se pode esquecer os efeitos combinados de jovens inventores e os conhecimentos das mulheres que, hoje em dia, são o espelho da pobreza Africana.

Realçando a cultura como uma produção artística, os participantes observaram que os media e as TICs podem ser utilizados para criar um espaço cultural comum Africano, onde os produtos baseados na herança cultural Africana são produzidos e consumidos e a renascença africana é promovida. Todavia, em vez de utilizar esses instrumentos poderosos para a transmissão dos valores culturais e regras de outras sociedades nos hábitos é na mentalidade das crianças Africanas, visto que os africanos consomem cegamente os produtos artísticos da cultura de outros Povos. Concordaram em que tal situação pode

ser travada se houvesse esforços sistemáticos e concretos por parte dos Governos de, seja investir no desenvolvimento da transferencia de tecnologias, seja criar condições favoráveis nos seus países para que isso se concretize.

Levantou-se a questão de saber como a produção artística africana nas áreas de línguas, literatura, filme, música, instrumentos musicais, indumentárias e o drama pode ser usado e consumido em quantidades significativas? Alguns estudos detalhados apresentados sugeriram que o que é preciso, é uma acção conjunta por parte dos empresários culturais, instituições académicas e de pesquisas e Governos. Os empresários culturais proporcionam o conteúdo cultural e as instituições académicas e de pesquisa contribuirão para o desenvolvimento da capacidade científica e tecnológica, e os Governos delineiam as políticas legislativas e fiscais para a promoção da capacidade da produção e de consumo.

Uma tese sobre a cultura, media e as TICs demonstrou claramente essa tendência quanto à língua. Provaram que a Internet carece de 50 milhões de páginas Web relacionadas com as matérias Africanas, 42 milhões das quais pertencem a África do Sul, das quais 8 milhões de páginas não-sul-africanas, 54 % são em inglês, 40% em francês, 4% em Árabe e 0,5 em diversas línguas Africanas. Esse perfil muito pouco satisfatório das línguas Africanas na Internet realça o facto de que esse médium global novo, e correntemente incapaz de apoiar a comunicação entre os Africanofonos para que, por exemplo, dois Africanofonos não sejam capazes de se comunicar juntos, com recurso às suas línguas maternas comuns.

Cultura como crença , acepção e cerimónia

Houve poucos debates sobre a interacção entre as religiões tradicionais Africanas e religiões importadas.

Cultura como valores, regras e o comportamento social.

Houve debates animados à volta da proposta apresentado por um orador, que a experiência Africana de direitos e liberdades é encorajadora e decepcionante. Por exemplo, o ano de 1994, foi simultaneamente significativo por ser o ano em que África do Sul libertou-se do Apartheid colonial e também por o ano do genocídio no Rwanda. A culminação da luta contra o Apartheid presumidamente exemplifica a ideia de igualdade dos Povos, e nesse caso particular, a reconciliação. Contudo, no Rwanda, testemunhou-se o massacre de 600.000 pessoas no volver dos olhos. Ser capaz de enfrentar as duas tendências foi essencial, o orador replicou uma vez que, é importante que, ao fazer uma auto/avaliação, os Africanos devem ser implacáveis e sem complacência. Se os Africanos fossem capazes de enfrentar as suas fraquezas seriam capazes de os ultrapassar.

A questão de saber o que não é aceitável foi decisivo para lidar claramente com as perspectivas de desenvolvimento cultural de África. Os participantes notaram por exemplo, que muitas vezes, a cultura em África favorece a violência política e contra as mulheres. De várias formas, a África influenciou o Mundo a alargar as áreas dos direitos e liberdades. Por exemplo, a Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos introduziu o conceito de direito ao desenvolvimento, a ideia de direitos ambientais foi a iniciativa Africana; e importantes aspectos de extensão dos direitos dos refugiados globalmente são as respostas à experiência Africana. A conclusão é que os direitos humanos devem ser vistos como uma ideia imposta do exterior ou ocidental. Outros exemplos de tecnologia de ponta das abordagens Africanas dos direitos humanos inclui o facto de que nos termos da Constituição de África do Sul, o Estado deve desenvolver as línguas que foram desfavorecidas pelo colonialismo e pelo Apartheid. É também o caso do Artigo 29 da Carta para a Renascença Cultural estipula que os Africanos devem promover positivamente os valores culturais. Apesar disso, hoje em dia, em África, a cultura dos direitos humanos não está devidamente enraizada.

Ha uma divergência para decidir sobre as formas como a cultura desenvolve e quais são os elementos a serem considerados, descartados ou incorporados no quadro dos princípios de base que são eles próprios polémicos. Esses princípios de base definem o carácter e as aspirações dos Povos. Decidindo sobre a direcção da mudança cultural, os participantes opinaram que, os direitos singulares devem prevalecer sobre os direitos colectivos e corporativos, uma vez que os direitos colectivos em África, às vezes, são pouco transparentes em relação aos sectores importantes da sociedade especialmente para as mulheres. Os participantes ainda observaram que a luta pelos direitos e dinâmica, desde a maioria dos direitos que foram criados, muitos são focalizados para o reconhecimento como tal.

Hoje em dia, confrontado com a hegemonia do poder omnipresente do Ocidente, muitos Africanos desenvolveram a cultura do complexo de inferioridade e de dependência. Além disso, quando agrada a elite liderante, é capaz de ficar na plataforma da cultura Africana e declaram ao Mundo que não pode ser imposta. Só, quando alguns aspectos do seu comportamento estão a ser desafiados ou criticados do exterior. Por isso, os Africanos sofrem aparentemente de esquizofrenia cultural, não sabendo em qualquer altura, se deve ser “modernos” ou “Africanos”.

Um participante observou que a renascença é um discurso triangulado entre o passado, o presente e o futuro por um lado, e entre a cultura como valores e regras, crenças e acepção, a produção e o conhecimento. Nesse respeito, as políticas do Governo implica a inclusão no sentido de alterar o comportamento social pode desempenhar um papel importante na definição da natureza dum eventual resultado.

As pesquisas para alcançar as mudanças irreversíveis e favoráveis à renascença Africana, em primeiro lugar, mora na transformação radical de valores e regras de comportamento social Africano. Isso, envolve a mudança de vários aspectos de forma como as pessoas desenvolvem as tarefas torna mais difícil porque essas mudanças precisam de ocorrer simultaneamente. No processo de conquistar a renascença Africana ao qual todos os participantes aspiram, África deve procurar reparar o dano provocado ao psique Africano e ajudar a ultrapassar a abordagem subordinada e dependente que os Africanos, globalmente, tem em relação, ao resto do Mundo. Em particular, apela aos Africanos a tornarem-se mais uma vez, produtores de conhecimento e não consumidores e transmissores.

Nesse respeito, o cerne da questão colocada por um participante e que tipo de renascença faria sentido no contexto actual Africano? A resposta era aquela e que tenha em conta as classes bem como os jovens e das especificidades de ambos sexos. Isso, sugere que, talvez deve-se começar a analisar como as regras de comportamento social entre as mulheres, homens, os jovens, os mais velhos e as camadas de diversas classes devem ser emendadas no sentido de proporcionar aos povos de África, um futuro mais digno.

4) *Desafio para a transmissão da cultura.*

A quarta questão global que surgiu no Congresso foi a transmissão da cultura e mais especificamente o que é que essa geração transmite à próxima e como o pensa fazer?

O que e se deve transmitir – a memória

Uma das áreas importantes da produção cultural e a produção da memória, um participante rematou, deste modo, que cada geração deve decidir o que é que pretende legar à próxima geração bem como a melhor forma de o fazer. Por que cada nova geração reformula a sua própria abordagem do passado que não pesa tanto sobre ele como o faria sobre os que actualmente o vivem. No combate ao passado distorcido apresentado aos africanos, é importante que os Africanos contemporâneos percebam o que eles querem transmitir e devem fazê-lo com base do passado Africano reconstruído e da escrita de uma historia mais autêntica.

Neste contexto, é importante lembrar que a história escrita ou oral é, em primeiro lugar, o produto de memória individual, uma vez que o que é um indivíduo, apesar de ser influenciado por forças sociais, escolhe para preservar e revelar ao colectivo e por isso dando uma forma à memória e identidade colectiva. Nesse respeito, os africanos devem procurar um espaço e os recursos para acomodar os seus recursos, e também fazer uso os recursos intelectuais para combater a pobreza cultural. Alguns dos recursos a serem usados nesse processo de formação de identidade envolver necessariamente o uso do

conhecimento e a ciência tradicional. No quadro da disciplina de história, os participantes notaram que a mudança de paradigma que reconhecem a contribuição histórica dos Africanos tem a ver com a seu estado embrionário, ainda não chegou as curricular nas escola e universidades. Há uma necessidade de se desvendar o conceito do público para o qual os historiadores Africanos preservam a memória, arquivos e monumentos porque o valor da herança em função das sociedades, pode variar de religioso e o sagrado para a comodificação completa.

Um dos elementos da memória africana que não foi abordado é o da escravatura e do tráfico de escravos em África, que continua até à presente data em algumas comunidades. Apesar do tráfico transoceânico de escravos da África para América ou para a Europa ter sido vigiado, a escravatura inter-africana e tráfico de escravos não teve muita atenção, incluindo o tráfico de escravos trans-sahariano. É uma prática que é mantida como uma memória dolorosa para os povos africanos. Outra área que teve pouca atenção foi a da herança tangível ou material. Foi parcialmente devido ao historial dos documentos dos apresentadores que pendiam mais para a história do que para a herança.

A memória é dos mais emocionais elementos de transmissão por causa dos seus laços com a identidade. Contudo, não se pode protelar outros elementos de transmissão cultural tais como valores e regras mereceram também a atenção dos participantes.

O meio de transmissão - língua

As crianças que iniciam a educação com uma língua estrangeira falham a transmissão do conteúdo e o quadro dos sistemas de conhecimento dos antepassados. Além disso, encontram dificuldades de assimilar o conhecimento colocado à frente delas. Apesar disso, África é o único Continente onde a educação das crianças é sistematicamente dispensada em línguas estrangeiras. Os participantes concordaram na necessidade das línguas Africanas serem a espinha dorsal e os meios centrais da transmissão da cultura africana e como uma pré-condição necessária para a conquista da renascença. Isso, apenas pode acontecer se o desenvolvimento das línguas Africanas forem priorizadas no horizonte das políticas culturais Africanas. Nesse contexto, a ideia de desenvolver as línguas regionais como parte do processo de reforço ao desenvolvimento das línguas Africanas parece ter o apoio mais abrangente.

O método de transmissão – Educação

A dependência simultânea da unicidade e da diversidade da cultura Africana das bases multi-étnicas e multiculturais constitui um desafio sério para os que desejam legar a cultura Africana à próxima geração através da sua língua materna. Os sistemas africanos de educação necessitam de desenvolver os

mecanismos para desfazer esse nível alto de diversidade se quiserem ter razoavelmente a chance de respeitar os direitos de todas as crianças de serem educadas nos primeiros anos, nas suas línguas maternas. Considerou-se o exemplo prático do Congo que tem cerca de 450 grupos étnicos. Muitos países podem seguir esse exemplo. Observou-se que o problema pode se tornar muito mais polémico do que é actualmente. Por exemplo, alguns estudos demonstram que a ortografia de mais de um terço das línguas africanas podem ser reduzida para cerca de 11.

Além da questão da língua, os participantes interessaram-se em assegurar que o sistema de educação é capaz de transmitir não só os valores e regras mas também a ciência e a tecnologia no âmbito das línguas Africanas.

Alvo da transmissão – A comunidade mas com foco especial nas crianças e jovens.

Os participantes concordaram em que, hoje em dia, os jovens Africanos são traumatizados pelas circunstâncias com que se deparam, apenas 50% dos jovens tem acesso à educação além do ensino primário. Essa situação empurra certamente, uma franja dos jovens para o desemprego crónico. Além disso, isso leva a violação das especificidades de paridade sexual, especialmente, as raparigas e à instabilidade política. O resultado é que largas camadas de jovens são condenadas a levar uma via de frustração, incapazes de satisfazer os seus sonhos e as suas expectativas. Como resultado, alguns decidem desenraizar-se da cultura Africana enquanto um número significativo tenta activamente emigrar fora do Continente.

Opiniões convergentes acharam que a altura própria para que os jovens fossem “devidamente socializados” é na infância e não na adolescência. Ainda concordaram em que os jovens devem ter melhor acesso e oportunidades de expor os seus pontos de vista sobre o futuro das suas sociedades. Também opiniões convergiram no sentido de que a educação cultural e a literacia devem ser providenciadas não só no contexto familiar, da educação académica formal mas também no contexto da comunidade e através das instituições culturais; e deve ser um longo processo contínuo.

Quando um tal processo é sucedido, a lição aprendida serve para colocar a sociedade no patamar mais alto e complexo de uma organização social. Se, no entanto, África fracassar na sua tentativa de o fazer, assim, os jovens adoptam os modos de comportamento que desafiarão a coerência, a coesão e o dinamismo da sociedade à qual se sentam simultaneamente pertencer e excluídos. Os jovens presentes no Congresso salientam claramente que tiveram a sensação de que não foram bem preparados para o futuro; o que levou um participante a observar que, se sua educação de base não conseguiu providenciar meios que lhe permitissem saber como tirar proveito do seu património, então os estranhos vão o levar com eles.

III. RECOMENDAÇÕES

Um dos participantes aconselhou a audiência para que resistissem da tentativa de empurrar qualquer questão identificada para a instituição pela simples razão de que é verdade que há sempre uma instituição financeiramente falida que tenta resolver os problemas nessa área. O que foi solicitado, é analisar as formas de desenvolver políticas no sentido de encorajar a colaboração entre as instituições actuais com vista a envidar os esforços para a alteração do comportamento. Essa abordagem encaixa aparentemente na perspectiva que resulta desse estudo, que é a primeira etapa para mudar a atitude e alterar o comportamento social. Se tal comportamento estiver alterado numa larga escala e por muito tempo, logo as sociedades transformam-se relativamente rápidas. Portanto, a tarefa é de delinear as políticas adequadas aos problemas a resolver.

Nesse espírito, as recomendações que devem merecer atenção especial, são as que apostam no encorajamento das pessoas a colaborarem para alterar o comportamento social. Se essas pessoas são, com certeza, decisores políticos e a diferença for nas políticas que eles formulam, então, isso pode relativamente ter um impacto rápido e significativo. Atenção especial também será virada para as recomendações que envolvem as instituições actuais que desenvolvem mais estreitamente trabalhos em conjunto. Todavia, o sucesso do tal comportamento alterado depende, em larga escala, da produção positiva das vantagens em prol dos que mudam de atitude. Por fim e por conseqüente, as atenções serão viradas para as recomendações favoráveis aos resultados positivos.

a) Descrição e Levantamento.

Levantamento e Catalogação.

As recomendações que constam neste capítulo destinam-se a proporcionar ao Continente informações e os conhecimentos necessários para se conhecer melhor e para uma melhor intervenção. O lógico +e que, uma vez que a questão de definição está resolvida, a próxima etapa é de ser capaz de fazer uma descrição prática do estado de qualquer aspecto que seja da cultura a ser considerado. Assim, há um número de recomendações que apelam a África a se descobrir. Isso, foi proposto não apenas com o objectivo de auto/conhecimento mas como uma condição necessária para envolvimento eficaz com a cultura Africana.

As sugestões adiantadas nesse aspecto incluem: (1) estabelecimento de uma base de dados de conhecimentos tradicionais incluindo a medicina (2) estabelecimento de um centro Africano de recursos para a recolha, a digitalização, arquivo e a distribuição de informações culturais (3) criação de um portal para os cientistas Africanos, conforme sugerido, deve ser facilitado pela

União Africana; (4) estabelecimento de um registo global de tradição oral Africana e (5) realização de séries de estudos etnográficos globais das sociedades Africanas a serem desenvolvidos por universidades e instituições de pesquisa de renome.

b) Desenvolvimento

Dos debates tidos, estabeleceu-se que a cultura Africana nas suas várias formas, deve ser produzida e consumida maciçamente, caso contrário os seus vários elementos não alcançarão os níveis mais altos de eficácia. Além disso, tendo em conta o passado histórico de África, resultante de uma deslocação acentuada de várias formas, é importante que a cultura Africana proceda a uma reestruturação no sentido de aproximar e harmonizar os vários elementos.

Escala de produção e de consumo

Sugeriu-se que a elite Africana deve envidar esforços especiais no sentido de delinear políticas favoráveis ao aumento de nível de consumo da cultura africana por ela e por populações Africanas em geral. Por exemplo, há uma recomendação para que a elite crie o hábito de consultar regularmente e tirar lições dos sites sobre a herança da cultura do Continente, incluindo também as suas famílias. Quanto ao marketing, sugeriram-se que se criasse e-shops para a venda do artesanato Africano; pois, é ponto assente que é um negócio importante e favorável ao desenvolvimento. Apelou-se à alteração das leis e regulamentos sobre os direitos do autor para que os artistas, preferencialmente aos produtores e editores que sejam os primeiros titulares. Apelou-se, mais precisamente ao reforço das parcerias entre os empresários culturais, académicos e os centros de pesquisas e os governos no sentido de incrementar a capacidade para a produção artística e a propensão para o consumo dos produtos dos empresários culturais de África.

Na área do desenvolvimento da música, os Governos africanos podem propor que alguns instrumentos musicais Africanos sejam integrados nos programas escolares. Essa proposta e outras acções similares podem não só contribuir para o aumento rápido da procura desses instrumentos musicais mas também apoiar a produção local e regional, estimulando a pesquisa e o desenvolvimento no domínio da produção em grande escala. Por fim, as políticas fiscais adequadas podem contribuir na capacidade de produção e na propensão para o consumo. Essas acções podem ser repetidas com as devidas adaptações com outros aspectos da cultura tais como a produção artística, livros, filmes de histórias Africanas, especialmente para as crianças, o conteúdo dos programas locais radiodifundidos. Desta forma, cria-se as condições propícias a recuperação de alguns espaços em África que foram perdidos em prol dos produtos culturais do resto do Mundo.

Memória e Identidade.

A história de África ou a visão da realidade africana faz parte dos domínios que devem ser produzidos em grande escala para o consumo maciço. Foi proposto que fosse redigido uma nova história etnográfica baseada num novo paradigma a ser desenvolvido pelas instituições e associações académicas de referência.

Língua.

De acordo com as opiniões dos participantes, o desenvolvimento das línguas Africanas constitui também um componente essencial do desenvolvimento da cultura Africana. Apelaram especificamente para reforçar cada mais o uso das línguas Africanas ao nível continental. Surgiram duas propostas, a primeira encoraja a União Africana de estabelecer uma língua Africana que deve ser utilizada ao nível do Continente e a segunda propõe que cada região escolha uma língua que sirva de língua regional.

Tecnologia Moderna e Cultura africana

Houve recomendações que apelaram ao recurso das tecnologias modernas, em particular as TICs que devem desempenhar um papel decisivo na produção e disseminação da cultura Africana. Mas, observou-se que a transferência de tecnologias precisa de condições favoráveis à promoção do uso democrático da tecnologia.

c) Transmissão

Edição

Os participantes sugeriram que a Agência Pan-africana de Edição seja encarregue da edição e distribuição de livros.

Educação

Os participantes frisaram com frequência que a educação deve ser organizada e considerada como uma experiência perpétua que permite às pessoas moverem, sem embaraços, da educação familiar e comunitária para as instituições académicas e culturais. Para facilitar isso, foi sugerido que se criasse um centro Africano de recursos culturais ligado às creches e aos programas com vista a transmissão cultural. Também, sugeriu-se que se tomasse as medidas no sentido de realizar pesquisas sobre os sistemas de educação dos Estados Membros da União Africana com vista a identificar e partilhar melhores práticas sobre a idade de matrículas, transição de classes, de normas e regulamentos. Uma vez que a União Africana lançou a segunda Década de Educação, foi sugerido que isso baseasse na cultura Africana e facilitasse o conhecimento

cultural Africano nas disciplinas escolares relevantes aos níveis de escolas primárias, secundárias e das universidades.

História

Principalmente, sugeriu-se que um estudo global sobre as rotas do tráfico de escravos (Atlânticas e Saharianas) seja publicado e que se faça diligências para que a história geral de África da UNESCO fosse mais largamente disseminadas.

Línguas.

Com o intuito de facilitar o desenvolvimento dos meios de transmissão da cultura em África, apresentaram-se várias propostas. A primeira propõe que cada Estado Africano trace as políticas de uso das línguas Africanas e a estratégia de implementação nos sectores políticos, educacionais, sociais e públicos. Também, sugeriu-se que, como parte dessas políticas, faça uso de uma língua materna para todas as crianças com idade inferior a 8,5 e aplique uma segunda língua depois da criança ter atingido essa idade. O desenvolvimento de uma nova tecnologia para a língua nacional pode ser feita em colaboração com o Instituto de Desenvolvimento de Kiswahili, na Tanzânia que tem a experiência nessa área. Esse processo deve ser apoiado por um programa de tradução do material didáctico para as línguas nacionais, e o material pedagógico deve ser desenvolvida em várias disciplinas para o sistema de ensino. Para materializar isso, foi reconhecido que a necessidade de formar os formadores de educação de língua materna, por exemplo, frequentando os cursos de mestrado em linguísticas aplicadas (MAPA) em África, e outro como o desenvolvimento e o uso das línguas trans-fronteiriças. Numa primeira fase, solicitaram aos países de implementarem um programa de acção para o ano da língua Africana. Para facilitar isso, não de acelerar e implementar acções sobre a redução da ortografia das línguas Africanas.

Tendo em conta as implicações financeiras dos aspectos multicefalos dessas políticas, foi sugerido que cada país dedicasse 0,01 % do seu orçamento nacional para implementar o programa de ensino de línguas, apesar de outras fontes financeiras alternativas serem a tributação de voos internos e externos de África.

Finalmente, a Academia de Línguas Africanas (ACALAN) devia ser encarregue de monitorar a implementação dos programas relacionados com as línguas ao nível do continente e deve prestar conta à União Africana.

Diáspora.

Como forma de envolver a Diáspora, sugeriu-se que o intercâmbio de programas entre escolas primárias e secundárias em África com a Diáspora, e que o

ensino das línguas Africanas estivesse estendido até à Diáspora para alcançar a unificação global dos povos Africanos.

A União Africana.

Propostas específicas para a União Africana das quais a recomendação sobre a tecnologia do Congresso Cultural deve ser submetida na próxima Reunião sobre a Tecnologia da União Africana. A outra proposta é que a União Africana devia harmonizar e coordenar as actividades das suas várias estruturas para melhor corresponder com as condições de desenvolver a cultura Africana.

V. PROJECTO DE DECLARAÇÃO DE CONSENSO.

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

P. O. Box 3243, Addis Ababa, ETHIOPIA Tel.: 00251-11-5517700 Cable: AU, ADDIS ABABA
Website: www.africa-union.org

CONSELHO EXECUTIVO
Décima Sessão Ordinária
25 – 26 de Janeiro de 2007
Adis Abeba, Etiópia

EX.CL/317(X)
Anexo 2

DECLARAÇÃO DE CONSENSO



DECLARAÇÃO DE CONSENSO

O Congresso Cultural Pan-Africano realizado de 13 a 15 de Novembro de 2006, foi precedido por maiores eventos culturais ao longo de cinco últimos anos, em particular, CIAD I & II, a 1ª Conferência dos Ministros da Cultura da União Africana realizada, em Nairobi, Quênia, e a 6ª Cimeira da União Africana, realizada em Janeiro de 2006, em Cartum, Sudão. A Cimeira de Cartum aprovou a decisão da Conferência Ministerial de Nairobi sobre a Cultura para convocar a PACC no decorrer de 2006.

O Congresso Cultural Pan-Africano faz parte da interrogação recorrente da identidade Africana no Século 21. O Congresso e o resultado do trabalhos da UA no pelouro da Cultura, incluindo o Plano de Acção de Dakar sobre as indústrias culturais durante a 5ª Conferência dos Ministros Africanos da Cultura realizada em Dezembro de 2005, a Declaração de Nairobi e a Decisão da Conferência dos Chefes de Estado e de Governo, sobre a Carta Revista para a Renascença Cultural de África, durante a Cimeira de Cartum em Janeiro de 2006. A Carta para a Renascença Cultural de África foi lançada durante a cerimónia de abertura do Congresso Cultural Pan-Africano.

Os participantes no Congresso Cultural Pan-Africano orgulham-se pela presença e a participação do Dr. Mbow, antigo Director Geral da UNESCO.

Os participantes no Congresso orgulham e congratulam-se também com a participação de artistas e expositores Africanos que darão o seu contributo no enriquecimento do Congresso.

1. Nós, os participantes culturais Africanos no 1º Congresso Cultural Pan-Africano, reunidos no Centro das Conferência em Adis Abeba, Etiópia, de 13 a 15 Novembro de 2006, para debater o tema geral “CULTURA, INTEGRAÇÃO E RENASCENÇA AFRICANA”.
2. Conscientes de importantes compromissos e de deliberações da União Africana (UA) e dos seus Estados Membros para a promoção da democracia, paz e desenvolvimento dos Povos de África;

3. Reconhecendo o papel decisivo e a contribuição da Cultura Africana para:
 - A vinculação dos nossos atributos positivos, regras e valores como alicerces para o desenvolvimento sólido e abrangente da pessoa.
 - A promoção da integração, preservação da nossa herança, restauração dos nossos sistemas de produção sustentáveis e do uso equilibrado dos recursos:
 - A promoção e a restauração dos valores de boa governação:

Todos formam a base para a renascença Africana;

4. **Convencidos** de que nenhuma civilização conhecida se desenvolve na base duma cultura alheia, realçamos que o desenvolvimento de África será alcançado apenas na base da sua cultura, dos seus valores e no contexto Africano;
5. **Congratulamo-nos** com a revitalização das riquezas culturais que é um instrumento eficaz e estratégico para a conquistar a renascença Africana e a contribuir nos esforços constantes da integração;
6. **Tomamos nota** da necessidade dos Estados Membros da UA de colocarem a cultura no centro da agenda do desenvolvimento em África, reconhecendo a relevância da Cultura na transformação sócio-económica;
7. **Reconhecemos** a existência de um paralelismo dinâmico e complexo entre a cultura, o desenvolvimento económico e a transformação social, por isso, é imprescindível que o desenvolvimento cultural seja considerado como parte na abordagem cultural das perspectivas do desenvolvimento de África no novo milénio;
8. **Observamos** que é oportuno para África, recuperar e reorientar o seu plano de transformação sócio-económico para os recursos culturais abundantes de que o Continente é dotado;
9. **Reparamos** que África necessita urgentemente de se redescobrir e de fazer devidamente uso dos conhecimentos ricos e exaustivos, das competências, dos ideais criativos e sistemas das suas riquezas tradicionais e culturais ancestrais, da sua diversidade, do seu potencial baseado nas especificidades homem/mulher inerentes à sua população no sentido de facilitar a sua impulsão e o seu progresso para o desenvolvimento de África.

POR ISSO, AGORA RECOMENDAMOS O NOSSO CONSENSO E APELAMOS PARA UMA ACÇÃO:

Nós:

10. **Encorajamos** todos os Estados Partes, cidadãos Africanos residentes em África e na Diáspora, actores não-estatais, incluindo as organizações da sociedade civil e grupos de activistas dos direitos humanos, parceiros ao desenvolvimento e os amigos de África para tomarem conhecimento, perceberem, promoverem, defenderem e apoiarem a transformação do nosso apelo em acto legal no sentido de tornar a visão cultural pan-africana uma realidade.
11. **Realçamos** que a elaboração de um roteiro, a redinamização das estratégias existentes, os apelos para a acção bem como a sua operacionalização é uma responsabilidade colectiva e dever dos Estados e dos Povos de manifestarem os seus compromissos de alcançar o enriquecimento das culturas Africanas
12. **Reiteramos** a centralidade da inclusão no sentido de envolver todos os segmentos da sociedade, incluindo as mulheres e os jovens nos processos e nas intervenções, bem como das vantagens resultantes das tais iniciativas.

Quanto ao tema da Memória e Herança.

Nós,

13. **Reafirmamos** a necessidade da reconstrução do redescobrimento da memória, da consciência histórica de África e da sua Diáspora; assegurando que a História de África seja bem pesquisada, arquivada, documentada e utilizada como uma base válida no ensino da História Africana em várias línguas.
14. **Reconhecemos** que África precisa de concretizar activamente os seus esforços para salvaguardar e proteger o seu património cultural incomensurável, tanto tangível como intangível, com o objectivo intrínseco e servir de vector para as tentativas de esforços com vista a desenvolver a África;
15. **Reiteramos** que é necessário tomar medidas no sentido de associar o papel da educação cultural na resolução dos problemas de África, especialmente, VIH/SIDA e a resolução de conflitos. Também, os memoriais das atrocidades passadas são necessárias para esquecer as tragédias e traumas do passado.

Quanto ao tema da cultura, línguas e educação.

Nós,

16. **Reiteramos** o engajamento na gestão da diversidade cultural, a necessidade do reforçar, materializar a aceção mais abrangente da cultura como um conceito universal e complexo que não é um fenómeno inactivo e estático, mas constitui um conjunto de estruturas com um quadro que define a interacção das pessoas com as transacções sociais, económicas, políticas, tecnológicas e até mesmo ambientais.
17. **Reconfirmámos** que a língua não é só uma parte integral da cultura humana mas também é vector de ligação cultural que facilita a comunicação e a compreensão através da interacção social intermediária; e reiteramos que África precisa, com urgência, de fomentar as suas línguas no sentido de acelerar o seu progresso sócio-económico, reintegrando-os nos sistemas de ensino ao nível nacional e promovendo o uso transfronteiriço de outras línguas comuns mais faladas.
18. **Realçamos também** que os sistemas de ensino Africanos necessitam de ser reorientados e redefinidos de maneira que se integre a cultura e a educação como elementos inseparáveis para que a educação sirva de vector de ligação transgeracional da cultura e que a cultura sirva de eixo de ensino que cimeta, de maneira geral, as identidades e solidariedade da sociedade; a língua é o instrumento para entrosar a cultura no ensino e vice-versa.

Quanto ao tema da cultura, juventude e especificidades homem/mulher

Nós,

19. **Admitimos** que a África continua a ser o Continente dos jovens, necessita de envolver a juventude de criar-lhes oportunidades e envidar esforços no sentido de inculcar as identidades culturais, valores e regras de conduta Africanas na sua mente; não os considerar apenas como viveiro das culturas passadas mas também os reconhecer como grupo social capaz de construir uma África nova; por isso, os afirmar como um recurso favorável na conquista da renascença Africana.
20. **Decidimos** fazer uso da metade do potencial não-aproveitado da população feminina Africana, reconhecendo a necessidade urgente de integrar as especificidades das mulheres Africanas, desenvolver

rapidamente acções para superar os conflitos existentes entre as especificidades homem/mulher, a cultura e encontrar o equilíbrio entre os dois assegurando que a agenda cultural seja bem integrado de maneira que se alcance a paridade entre os homens e as mulheres em África.

21. **Reconhecemos** o impacto devastador da VIH/SIDA na juventude. A juventude Africana é o epicentro dessa epidemia que, nas próximas duas décadas, transformará a paisagem social de África. É o nosso dever de analisar as vias de vincar o ensino da legação cultural no sentido de gerir essa transformação.

Quanto ao tema do desenvolvimento cultural.

Nós,

22. **Reconhecemos** devidamente que a cultura é evolutiva e revolucionaria na natureza ; também, constitui o trampolim para o desenvolvimento.

Sobre o tema da cultura, desenvolvimento e transformação social.

Nós,

23. **Realçámos** claramente que o objectivo do desenvolvimento sustentável em África apenas será alcançado quando os seus objectivos de desenvolvimento e as deliberações forem definidos em função da cultura dos seus Povos; que necessita de uma abordagem colectiva e qualitativa mais abrangente.
24. **Reconhecemos** que a cultura tem efeitos positivos e negativos no processo de transformação social, é ponto assente que adoptar uma abordagem estratégica para lidar com a cultura, o desenvolvimento e a transformação social é um elemento essencial da renascença Africana.
25. **Declaramos** também que os Estados Partes devem tomar medidas necessárias para reconhecer e envolver activamente as autoridades culturais, assim como chefes tradicionais nas tentativas de esforços para o desenvolvimento, o progresso social e a transformação de África.

Quanto ao tema dos Direitos Humanos, Liberdades e Protecção dos Direitos da Propriedade Intelectual e Cultural.

Nós,

26. **Observamos claramente** que a democracia cultural é indissociável da democracia político-económica e da democracia social; e que necessita de ser encarada no contexto Africano para que se envolva e coloque a cultura como a base no respeito pelos Direitos Humanos e pelo Estado de Direito.
27. **Recomendamos** que os produtores talentosos e criativos, inovadores e os produtores de conhecimento são a base para a renascença Africana; daí, há necessidade de os reconhecer e assegurar a defesa dos seus Direitos de Propriedade Intelectual é de facilitar a produção e a distribuição das suas obras.
28. **Encorajamos** todas as partes a reforçar as leis e regulamentos sobre o Direito de Autor contra a pirataria e a estender o campo de aplicação dos direitos da Propriedade Intelectual para os direitos individuais e colectivos.
29. **Realçamos** a necessidade de promover, proteger os sistemas de conhecimento tradicional e os profissionais de fazer uso desses sistemas para impulsionar o desenvolvimento.

Quanto ao tema das Políticas Culturais.

Nós,

30. **Reafirmamos** que o desenvolvimento da cultura Africana deve ser global, envolvente e colectivo, projectado para o caminho certo de maneira a que seja guiado por princípios e valores próprios à adopção e actualização de políticas culturais adequadas.

Quanto ao tema da Cultura Africana, os Medias e Novas Tecnologias.

Nós,

31. **Admitimos** unanimemente que o nível de mudança nas Tecnologia de Informação e Comunicações (TICs), esta a acelerar, afectando significativamente a diversidade cultural de África e apelamos a cultura Africana a adaptar-se para enfrentar os desafios de tais tecnologias;

32. **Recordamos** que o filme, o audiovisual e a imprensa escrita são usadas como meio de disseminação dos valores e regras de conduta e por isso, há uma necessidade de delinear estrategicamente a cultura Africana de tal maneira que se imbui e influencie o conteúdo dos medias.

Quanto ao Congresso Cultural Pan-Africano

33. **Apelamos** todas as partes tanto os actores estatais como não-estatais a avaliarem as opiniões expressadas nesse fórum, centradas na renascença da identidade e personalidade Africana, filosofia, sabedoria, criatividade e inovações no sentido de acompanhar o progresso sócio-económico em África, no novo milénio.
34. **Reparamos** que a continuação do Congresso cultural Pan-Africana, é um instrumento para a materialização dos seus objectivos, por isso recomendamos que o Congresso seja convocado trienalmente para que se restaure o espírito dos festivais anuais para a celebração da cultura tradicional Africana.
35. **Realçamos** a urgência de transformar as recomendações do Congresso em planos de trabalho concretos.

2007

Summary of the report of the 1st Pan-African cultural congress (PACC) of the Africa Union

African Union

African Union

<http://archives.au.int/handle/123456789/4440>

Downloaded from African Union Common Repository